

.....

A Alma do Osso, de Cao Guimarães

por Marcelo Miranda

No cinema de Cao Guimarães, o encontro com o outro ou com um algo torna-se quase sempre a centro da atenção de quem assiste. Não interessa ao cineasta simplesmente registrar o que acontece à sua frente – ou à frente da câmera. Ele se interpõe no processo, “incomoda” a realidade, interfere nos aspectos mais banais de elementos aparentemente desimportantes numa primeira avaliação. O caso de *A Alma do Osso* é ainda mais especial, porque Cao vai até o alto de uma área de pedras para acompanhar o dia a dia de Dominginhos, ermitão de 72 anos sem qualquer tipo de contato com o mundo exterior a ele.

A Alma do Osso jamais se torna um filme puramente documental que recorta algum fragmento do real, pois lhe seria impossível fazê-lo. A presença da câmera como elemento físico naquele ambiente tira do espaço a sua aura essencial e o faz objeto da criação e modelação de uma nova realidade – a realidade de dentro da imagem, aquela a qual testemunhamos de dentro do cinema. É uma questão ontológica: o filme apenas existe porque há essa interferência da câmera; ela é a intrusa que vai se posicionar diante de Dominginhos e de tudo que o cerca e acompanhar cada movimento.

Torna-se óbvio, portanto, que mesmo podendo não ter consciência do que seja aquele objeto (a câmera), Dominginhos se travista de uma outra *persona* pela simples presença de outras pessoas no seu espaço original. Alguém manipula o equipamento, alguém faz perguntas ao ermitão, alguém circula em seu território, alguém o mostra bocejando. Como Andrea Tonacci já disse certa vez, por mais que o objeto seja destituído de quaisquer vícios de olhar, logo ele deixa a inocência completamente de lado ao tomar consciência de que a sua imagem pode ser desvinculada do seu verdadeiro eu. Ou seja, o objeto documentado não precisa necessariamente soar autêntico ao estar de frente a uma câmera – afinal, jamais será possível comprovar sua autoficção, pela impossibilidade do registro sem o equipamento. A verdade será sempre a que está na imagem, por não existir fora dela.

A Alma do Osso incorpora todo esse processo nos seus arranjos estéticos, sem que isso se transforme numa questão de linguagem. Inexiste a noção de dispositivo, carta de intenções ou exposição de significados. Cao Guimarães chega pronto ao local, posta a câmera e a deixa rodar, em longuíssimos planos das atividades de Dominginhos. Os créditos do filme, inclusive, se rendem ao ritmo do ermitão e só vão aparecer com quase meia hora de projeção. A primeira fala do personagem, apenas aos 45 minutos. E assim a relação câmera-personagem-espectador se desenvolve, sem qualquer tipo de compromisso em parecer algum tipo de registro totalmente autêntico e compromissado com uma realidade a qual não se teria acesso.

Basta, por exemplo, perceber como Dominginhos, atento ao fato de estar sendo ouvido (e filmado), narra “causos” deliciosos, indo e vindo através de sua memória e da forma peculiar de falar. Ele mistura tempos, lugares, pessoas e elementos históricos, mas a essência do que ele diz é cristalina. As histórias – inclusive a que dá nome ao filme – são significativas sobre a forma como Cao se entrega àquela figura, mas não se rende a ela. O filme é de Dominginhos, mas é também de Cao Guimarães. Seria hipocrisia fingir que ele não subverte o espaço do ermitão tanto quanto procura ser, ao máximo, fiel a ele. Contribuem para isso o

excelente trabalho sonoro, a cargo da dupla O Grivo, e o rigor quase imperceptível com que o diretor faz os enquadramentos, ora valorizando a paisagem natural, ora se aproximando subcutaneamente a Dominginhos.

No desfecho, filme e personagem se encontram, no embate do ermitão com a sua imagem. Ali, talvez por um instante mínimo, Dominginhos retire a máscara da encenação e da autoficção, naturalmente criadas no confronto com a câmera, e, no correr de uma lágrima solitária naquele rosto cravejado das marcas de uma vida à qual não tomamos contato nem conhecimento, ele seja, enfim, profundamente autêntico. O filme é a verdade, seja ela qual for.

*Visto na 13ª Mostra de Cinema de Tiradentes

Filmes Citados:

A Alma do Osso (Cao Guimarães/2004-2010)

*Texto retirado da Revista de Cinema Filmes Polvo, acesso em 26 de abril de 2013.